

Tá Fazendo Água...

Na Inglaterra no mês passado e agora na França a reviravolta foi pelo socialismo. Os franceses elegeram o socialista Lionel Jospin, como Primeiro-Ministro e deram ampla maioria para a esquerda no parlamento com a tarefa de controlar o presidente Jacques Chirac. Ele foi eleito para acabar com o desemprego, mas deu uma guinada neoliberal, "em nome da redução do déficit público" e esqueceu do social. Jospin é austero, rigoroso e prega os "valores morais da esquerda". E, como explicou depois de conhecidos os resultados finais "além da alegria na vitória, o sentimento forte que inspira essas eleições são as exigências profundas que vêm do nosso povo. Exigências de justiça. Exigência de uma profunda renovação de nossa vida pública e de nossa democracia. Exigência de uma política econômica e social a serviço do homem. Exigência de atenção escrupulosa aos problemas encontrados pelos franceses na sua vida cotidiana". O pior destes problemas é a crise de desemprego sem precedentes: mais de três milhões de franceses (12% da população) estão desempregados. Os salários estão achatados. A saúde e educação perderam verbas e qualidade. Lionel Jospin avisou que os socialistas assumem o poder com a determinação de reorientar a construção da Europa. Junto com seu colega trabalhista Tony Blair da Grã-Bretanha desfarão a dobradinha liberal francesa e alemã e provavelmente forjem uma aliança de perfil social entre britânicos e franceses, contra os sacrifícios impostos para sustentar a União Européia. Nenhum dos dois povos está disposto a sacrificar seus direitos sociais em nome da globalização.

ARGENTINA

Na Argentina a reação pelo voto só acontecerá em 1999, data da próxima eleição presidencial. Mas a situação é urgente. O bispo auxiliar de Buenos Aires, no sermão da missa de Páscoa advertiu o presidente Carlos Menem, que assistia ao culto, sobre o risco de cair "na agressividade ou na tentação à violência, por causa do aumento da corrupção, da pobreza, das lutas pelo poder, da marginalização social e



Jospin (acima) e seu antecessor visto pela esquerda



a sensação de impunidade e descrença nas instituições".

A exortação aconteceu depois de semanas de protestos. O presidente está com sua popularidade abaixo dos 10% e os dados oficiais da taxa de desemprego pularam de 8% em 95 (quando ele ganhou sua segunda eleição) para 17,3 %.

Mês passado estudantes invadiram duas universidades protestando por verbas. Estudantes secundários bloquearam várias vezes o centro de Buenos Aires reclamando pela falta de manutenção dos prédios escolares (escolas com mais de três mil alunos têm apenas um banheiro para todos). Professores estão em greve de fome desde o dia 2 de abril nas portas do Congresso, contra a anulação da lei que, através de um imposto, recolhia verbas para a educação.

Na semana passada nova passeata de estudantes no centro de Buenos Aires terminou em violência e, ao mesmo tempo, em La Plata, a polícia se enfrentou com camelôs, transformando o centro da cidade numa batalha campal.

Mas nada disto se compara com o quadro deprimente no interior do país.

"O mercado é a melhor forma de criar riqueza mas não de criar uma sociedade", disse um francês no início da semana, explicando a vitória dos socialistas contra o neoliberalismo na França.

O mesmo poderia dizer qualquer argentino que participa ou assiste nos últimos meses milhares de irmãos lutarem com pedras, fogo, barricadas, ou fazendo greves de fome em frente ao Congresso nacional.

A violência econômica do mercado já passou da fase de produzir frutos. Começa agora a alimentar a reação.



Menem, ouvindo sermão do bispo

Os estados mais afetados são Jujuy, Salta, Corrientes e Terra do Fogo. Desde março, em Jujuy, desempregados, professores, aposentados, pessoas sem teto e passando fome fazem barricadas e fogo em vários pontos das rodovias nacionais 34 e 66. O epicentro da miséria é La Puna, onde foram fechadas todas as minas e houve redução de pessoal do engenho Ledesman. Num confronto próximo à cidade de Libertador houve mais de 100 feridos. Ali a siderúrgica Altos Hornos Zapla fechou e deixou 3 mil desempregados. Em San Pedro, a miséria é decorrente da decadência dos canaviais. A população protesta por trabalho. "Não somos subversivos. Temos fome", diz o vereador

Eduardo Quiroz. Eles exigem a instalação de indústrias e não aceitam subsídios. "Subsídio é só para acalmar os ânimos até as eleições parlamentares de outubro". Na cidade de La Quiaca, o padre Jesús Olmedo alimenta diariamente três mil crianças e velhos.

Se em Jujuy a economia decresceu entre 1991-95 7,7%, na Terra do Fogo a queda foi de 32,4% em cinco anos, causada pela crise das fábricas têxteis e de eletrodomésticos. Em Tucumán o índice de desemprego é de 38,8%, - recorde nacional. Só não é maior porque a pesquisa se concentrou apenas nos centros urbanos e porque muitos dos tucumanos migraram para Buenos Aires.

Para afastar os fantasmas, pelo menos até outubro, Menem anunciou, semana passada um plano assistencial no valor de 2 bilhões e 500 milhões de dólares. Mas como, segundo dados oficiais, "os necessitados" chegam a 5 milhões, isto vai significar 40 dólares mensais por pessoa. O problema de distribuir esta ajuda terá que ser enfrentado pelas prefeituras. O prefeito de Sierra Grande, Adrián Lopez, não sabe o que fazer com 13 liberações de seguro-desemprego que recebeu do governo federal já que o número de desempregados no povoado é de 1.500.

No deserto patagônico cidades que assistiram o esplendor do petróleo estão sendo agora sacudidas pelas "puebladas" (as interrupções de estradas com fogo e barricadas). O desastre começou há dois anos com as privatizações do setor petrolífero. Para segurar o rojão os novos donos da YPF se comprometeram a pagar, durante quatro meses, salários de 400 dólares a 500 desempregados e o governo deu mais 800 seguros-desemprego. O objetivo é assegurar que os caminhões da YPF circulem sem contratempos nos meses de inverno, assegurando o petróleo para as calefações das casas argentinas. O drama regressará na primavera, agravado pelo fim do subsídio, em setembro, de 150 dólares mensais que a província e o governo federal dá para outros três mil desempregados. Também nesta data acaba a verba para os três mil ranchos alimentícios dadas a outras famílias da província.

Com todas as letras

Ao retirar do relatório preliminar da CPI dos Títulos as considerações que concediam ao vice-governador José Augusto Hülse o benefício da dúvida, o senador Roberto Requião modifica o cenário político em Santa Catarina. Se até o momento a possibilidade era o impeachment de Paulo Afonso, agora a possibilidade é do impeachment do governo do PMDB. Isto pode nos levar a imaginar os esforços que o partido fará para continuar no governo. Só na campanha de mídia, soubemos que estão reservados 500 pontos no estado para colocação de outdoors. Com todas as letras, todo mundo sabe que uma campanha deste porte custa uma fortuna. O governo do estado queixa-se que está sem dinheiro. Então de onde vem a verba para pagar esta campanha milionária? Será da Invesc, que é citada como "apoio" na campanha? Nesta história é o próprio contribuinte que paga a conta enquanto o governo tenta convencê-lo do destino do dinheiro das letras. Será mesmo que as justificativas são verídicas?

Mas a sucessão de "erros" do governo Paulo Afonso, na nossa opinião premeditados e conscientes dos prejuízos que causam, não param por aí. A nível de Celesc, seus prepostos, Paulo Tatim e Oscar Falk, cuidam com esmero de transformar a empresa em banco, com a antecipação do ICMS ao governo do Estado até agosto/97, ao mesmo tempo promovem medidas de "contenção de gastos" que cortam horas extras (até

quando necessárias) e adicional de periculosidade, impedindo os empregados de exercerem suas funções, causando prejuízos para a empresa. Em contrapartida, pagam gratificação variável para comprar consciências. Na última semana, chegaram ao absurdo de cortar o adicional de periculosidade dos técnicos de segurança da Agência Regional de Florianópolis, tolhendo-lhes totalmente o direito de exercerem suas funções, colocando em risco a vida de empregados da empresa, de empreiteiras e da população. E, também grave, colocando a Celesc fora da lei, pelo não cumprimento das normas de segurança do trabalho. O Sinergia já fez a devida denúncia na DRT.

É o mesmo Paulo Tatim que promove estes desmandos, que vem com uma verborragia perniciosamente, através da sua intervenção em concentrações dos empregados e de comunicados, criticar "falta de visão" dos dirigentes sindicais por estarem defendendo a Celesc da ação devastadora deste governo. É este Paulo Tatim que quer colocar uma camisa de força na organização sindical dos trabalhadores da Celesc com a tal deliberação 126 de 28 de abril de 1997. Tatim, nervoso, pergunta: "que tipo de sindicalismo é este?" Com todas as letras, é o sindicalismo construído pela consciência e pela garra dos eletricitários, que tem conseguido com seu trabalho fazer com que as ações de uma legião de oportunistas não tenha conseguido destruir a empresa.

Jacuí - Isto é Estatizar



U m a nota diminuta publicada num único jornal (Correio do Povo, de Porto Alegre), dia 20 de maio, contava que o Conselho de Administração da Eletrosul, reunido lá em Campo Grande, aprovou o resultado da licitação da Usina Jacuí I e que a assinatura do contrato com a Jacuí Generating Company (JGC) acontece dia 30 de junho.

A concepção da entrega da obra de Jacuí para a iniciativa privada é motivo de contestações do Sinergia. O sindicato acredita que o caso deve ser investigado detalhadamente pelos órgãos de fiscalização (TCU e Procuradoria).

As declarações publicadas na notinha do jornal gaúcho são mais uma prova de que as coisas não vão bem. Disse o diretor de Produção da Eletrosul, Paulo Cesar de Oliveira: "depois de três reduções de pre-

ço chegamos a um acordo". A JGC reduziu em 25% sua proposta original (a geração do megawatt/hora passou de 42 para 31,96 dólares).

A Eletrosul - que alguns dizem será privatizada até 1998 - se comprometeu a pagar 240 parcelas (20 anos) de RS 6 milhões para cobrir o custo da conclusão, a operação e a manutenção da usina. É claro que, para a JGC, este é um excelente negócio. Ela vai remunerar seu investimento a uma taxa de 20% ao ano (o que se consegue no mercado são 8%). É pode comemorar ainda o fato de que a Eletrosul lhe deu ainda três anos de carência.

O que a Eletrosul ganha com isto? Terá que arcar com todo custo do carvão consumido na usina (explorada por um grupo privado), além de assumir todo investimento que já fez em Jacuí (quase RS 1 bilhão) sem qualquer tipo de remuneração.

Por tudo isto, acredita Mauro Passos, diretor do Sinergia, "só mesmo uma apuração detalhada para se ver o tamanho do rombo que vão deixar. É a privatização às avessas: o Estado deixa de produzir, mas em 'contrapartida' passa a ser comprador cativo daquilo que ele próprio produzia, por 20 anos".

Catarinenses aprendem tudo sobre privatizações



Desde março os dirigentes sindicais da Intercel vêm visitando municípios catarinenses numa campanha contra a privatização da Celesc e Eletrosul. Estão sendo visitadas Câmaras de Vereadores, prefeituras e outras entidades municipais. Nestas ocasiões os sindicalistas expõem sua visão sobre o assunto e alertam para os impactos que eventuais privatizações terão naquelas comunidades.

Na maioria dos casos os interlocutores, após as explicações, se mostram contrários à venda destes patrimônios e redigem moções de repúdio que são enviadas às autoridades competentes, como o governador do Estado, deputados e senadores.

Um dos mais eloquentes debates, que teve grande repercussões na comunidade, foi o levado semanas atrás na Câmara de Vereadores de Tijucas. O encontro foi transmitido inclusive pela estação de rádio local, a Rádio Vale. Na oportunidade, os dirigentes da Intercel, salientaram sobre a importância de cada vereador neste assunto, no sentido de informar a comunidade sua visão sobre aquilo que virá a ocorrer caso se concretize a venda da Celesc, Casan, Besc e Eletrosul.

A Intercel explicou que realiza este esforço porque está convencida que a venda destas empresas vai trazer profundas dificuldades para qualquer política de desenvolvimento de Santa Catarina. "Não há necessidade de explicar para os senho-

res o que representa a água, a luz e um banco onde a gente possa ser atendido. O passado em que não tínhamos isto não está tão distante que já tenhamos esquecido. Podemos falar da água, por exemplo. A Casan está passando por uma situação financeira e econômica extremamente preocupante. Em grandes cidades como Blumenau, ela é substituída por um serviço muni-

cipal e isto prejudica sua ra. O próprio presidente da empresa disse que, se a Casan deixasse de Florianópolis e Joinville estaria inviabilizada como empresa. É que nestes dois municípios uma concentração grande de consumidores e isto gera uma rentabilidade que lhe permite atender múltiplos deficitários. Isto também afete

com a energia elétrica, com o sistema bancário. O que significaria para nós, cidadãos, se esta política de fechamento, de afastamento do Estado das atividades básicas do cidadão começar a se alastrar? A nossa preocupação ficou mais forte depois das declarações de Paulo Afonso sobre estas três empresas", falou o diretor do Sinergia Mauro Passos.

Também foi citado o estudo que está sendo feito para a reestruturação da Celesc. Seriam criados pólos regionais e os pequenos escritórios seriam fechados. Naquela região, por exemplo, o pólo ficaria com Tijucas e deixariam de existir os escritórios de Major Gercino, Canelinha, Nova Trento, etc. "Não precisamos falar no transtorno que isto causaria. Semana passada estivemos em Celso Ramos e paramos para almoçar num restaurante-pousada. O dono nos contou que no verão aconteceu um problema sério de falta de energia, resolvido em 17 minutos. Em pleno verão! Os hóspedes da pousada ficaram pasmos com a qualidade e a rapidez do atendimento prestado pela Celesc naquele município pequeno. Fica uma pergunta: e se tivessem que deslocar uma equipe de Tijucas, com os engarrafamentos constantes na BR no verão? A emergência ia pro espaço. Se perderia qualidade de serviço em prol de economia. Hoje em dia tudo tem que ser lucro, economia, parece que é pecado ter despesa, é uma vergonha. Acontece que a despesa está vinculada ao serviço que se presta e sempre vai ser assim".

A privatização também não se limita à questão do desemprego dos trabalhadores apenas daquele setor, explicaram os sindicalistas. Indiretamente privatizar empresas como a Celesc é deixar de ter um instrumento para geração de mais empregos. Localidades podem crescer ou

morrer, por causa destas empresas. "Chapecó tem menos de 100 anos. Era ponto de passagem no transporte de gado. Ela se formou de um posto do Banco do Brasil e um posto de atendimento aos caminhoneiros. Se não tivesse isto, mais energia elétrica não existiria Chapecó e, provavelmente estes serviços foram prestados com déficit até que a cidade tomou as dimensões de hoje. A privatização vai nos trazer dois grandes problemas: o desemprego dos funcionários ligados àquela estatal e a falta de poder de gerenciamento no desenvolvimento do estado. A Copel, do Paraná, ofereceu energia subsidiada para a Renault, e este foi um dos motivos da montadora ir para lá. A Copel está sendo usada para gerar mais empregos, impostos, etc."

Os debates prosseguiram e muitos vereadores questionaram o que chamaram "entreguismo governamental". "Quando se vende uma barragem de uma geradora como a da Eletrosul no Rio Uruguai o que é que se está fazendo? Ali temos de um lado terras do Rio Grande do Sul, de outro terras de Santa Catarina e no meio a água de todos nós. Imaginem o que é um país que não tem controle do seu solo, sua água, seu petróleo, sua energia, seu meio ambiente. Que respeito terá dos outros. É muito diferente chegar hoje no Japão e ser o dono das jazidas de minério que abastecem aquele país ou chegar e não ter nada, não ser nada".

tribuna livre

Palmas pra que?

Aldo Ferrari
Presidente da Aprosul

Foi realizado dia 25 de abril, no Tartarugão na sede da Eletrosul, uma palestra sobre a privatização tendo como palestrantes o Dr. Benevides e Dr. Federico, que elogiaram o tempo inteiro o Programa Nacional de Desestatização. Foram feitos vários questionamentos aos dois, como, por exemplo: qual o trabalho que o governo vem fazendo para criar empregos para esta imensidão de famílias cujos responsáveis estão indo para a rua por

consequência das privatizações? A resposta foi fria e demonstrou total descaso: "você sair por aí procurar emprego como qualquer cidadão. O papel do governo não é de prover o emprego de ninguém. Como explicar para a sociedade brasileira que a maior empresa estatal sul do Brasil está sendo vendida pelo valor de dias de juros da dívida interna? Não respondem a pergunta. Um deles deu que o valor de venda de

empresas não é baixo uma vez que aparecem uma ou duas propostas na maioria dos leilões.

Por que o governo reclama da falta de recursos para investimentos e o BNDES financia cerca de 80% das privatizações? A resposta foi sui generis: "é preferível financiar o capital privado, do que investir dinheiro com difícil retorno".

Quanto tempo vai demorar o processo de privatização da Eletrosul?

"Mais ou menos 14 meses"

Por que o governo estatizou todo setor elétrico, entre 1965/68, e agora, com o sistema moderno, usinas, subestações e linhas de transmissão operando quase que totalmente automatizadas, usinas foram totalmente revisadas, como o caso da UPPF? Federico respondeu que "o governo retirou na hora certa e está devolvendo na hora certa". Deu razão àquele que fez a pergunta no que tange às instalações modernas, mas com isto,

segundo ele, o novo dono não poderá aumentar as tarifas "logo".

Por que o BNDES não privatiza por unidade, dando mais chances para outros grupos participarem da concorrência? "Esta possibilidade nunca foi estudada".

Para finalizar, o representante da Eletrosul, o Sr. Delcídio, pediu uma salva de palmas para o palestrante, provocando uma gargalhada da plateia que lotou o Tartarugão.

CEMIG

Um terço do capital ordinário e outros 14,4% do capital da Companhia Elétrica de Minas Gerais foram vendidos na última semana. 90% está nas mãos de sócios estrangeiros, entre eles a empresa norte-americana Southern Electric, a AES (também sócia da Light) e o Banco Opportunity. O BNDES financiou metade do valor do leilão. O consórcio vencedor pagou R\$ 1,3 bilhão pela empresa.

ELASE

Nesta sexta-feira, dia 06, a Elase promoverá um jantar em comemoração aos seus 20 anos de fundação. O jantar, que começa às 21 horas, terá a animação do Conjunto Estágium 10, além de sorteio de brindes. Os ingressos estão a venda na própria Elase e custam R\$ 20,00. Sócios pagam R\$ 15,00.

LEIS TRABALHISTAS

Continuam abertas as inscrições para o curso de Legislação dos Direitos dos Trabalhadores, que acontecerá no período de 10 a 13 deste mês, sempre às 19 horas, no Sindicato dos Bancários em Florianópolis. Informações e inscrições com Viviani ou Adriana pelo telefone (048) 224-9114.

ABCELESC

A chapa Integração, encabeçada por Valmira Xavier de Souza e Jacques Naschenweng, é vencedora da eleição para diretoria da ABCElesc. A nova gestão toma posse nesta sexta-feira, dia 06, às 18 horas, no restaurante da Agência de Florianópolis.

PLR

As empresas só saberão o valor do PLR depois do dia 16. O governo primeiro quer homogeneizar as metas das empresas e por isso a Comissão de Controle das Estatais do Ministério do Planejamento ficou de avaliar as propostas até esta data. Esta decisão foi apresentada na reunião desta quarta-feira, que aconteceu no Rio de Janeiro entre os sindicalistas e a Eletrobrás.

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Elementários de SC. Jornalistas Responsáveis: Marli Cristina Scamazzon DRT RS-4966 e Alessandra Mathias SC 00755 JP. Ilustrações: Frank Maia. Diretora de Imprensa: Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Upolis, SC CEP 88015-030. Fax: (048) 224-9104.



Cuidado com as LER

O que um apresentador de TV, uma digitadora ou um ascensorista podem ter em comum? LER... Lesões por Esforços Repetitivos. Um mal que, quase não percebemos e só depois de muito tempo, trabalhando com postura e equipamentos errados é que sentimos que é uma doença. E foi isso que a Cia. Atores Associados apresentou na última segunda-feira, dentro da programação da SIPATECO, Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho da Eletrosul e Semana Mundial do Meio Ambiente.

Com uma peça rápida e bastante criativa os quatro atores mostraram que só se adquire LER com a associação de diversos movimentos errados, repetidos várias vezes. Por exemplo: digitação sem apoio ou intervalos, cadeiras e mesas inadequadas etc. Além do teatro na segunda, os funcionários da Eletrosul tiveram palestra na terça sobre O ado-

*"Eu tô lesado
fui pressionado
Trabalhei demais
A mão doendo
meu chefe enchendo
Ai por satanás!"*



lescente/família/sociedade; na quarta o assunto foi Coluna - Hérnia de disco além da descontração com apresentações de tai chi chuan e capoeira (Elase).

Hoje, Dia Mundial do Meio Ambiente, terá exibição de filmes ecológicos e exposição de fotos do acervo da Aprosul sobre o tema. Amanhã, além da participação do Grupo Experimental de Jazz da Elase, está

previsto para as 15 horas um encerramento surpresa no hall da sede.

"Tentamos fazer uma Sipat mais alegre este ano, valorizando os talentos da Elase, as terapias alternativas, reforçar a importância do Gapa, Hemosc e o apoio aos hemofílicos, com literatura para todos os gostos também", comentam José Luiz Hisse e Maria das Graças do Amaral, da diretoria da Cipa da sede da Eletrosul.

CADÊ?

Viviani Remor
diretora/Sinergia

Enfim boa noite! São quase 3 hs da manhã, numa madrugada fria qualquer do calendário ocidental. É uma madrugada trôpega, talvez solitária e deverás reflexiva. Depois de tanto noticiário, das 20 hs, das 22 hs, das 24 hs e lá vai pedrada, tento conciliar o sono, mas é impossível. Como cidadã que vive intensamente o cotidiano da vida brasileira é irreconciliável o sono com esta intranquilidade tão presente no nosso dia-a-dia. A violência grassa no quadrado das telinhas de TV na sala de estar/jantar das nossas casas os escândalos viraram banalidade e o individualismo é uma questão "sine qua non" do nosso dia-a-dia, e eu já não aguento. Não, não é crise de consciência é de cidadania. Ainda há pouco, o SBT repórter noticiava a história de três crianças (entre 9 e 13 anos), que violetaram e mataram brutalmente uma outra criança de 9 anos. Na Globo policiais de elite matam trabalhadores sem teto, e um outro atirador de elite mata 20 pessoas entre as quais sua ex-esposa e ex-sogra, deixando um rastro de sangue e desespero, a TV Espanhola fala do confronto entre desempregados e o governo Menem. A bola de neve da exploração e da violência cresce no mundo e fulgura no universo dos excluídos, aliás com cada vez menos incluídos. No aparelho de som, "última novidade do Paraguai",

ouço o som do Dire Street - Why Worry (que coisa mais surreal) o som corre solto, a solidão e a reflexão entram. O que tenho feito ou faço para mudar este mundo?

Por mais que tente reagir, sozinha não consigo.

Em Brasília um índio, confundido com um mendigo, é queimado vivo. Mendigo não é gente?

Um tênis ou uma muda de roupa vale mais que um ser humano. É a barbárie.

Meu Deus, como vamos conviver com tudo isto?

Não tem muito tempo, ouvi a notícia da venda de votos de deputados para que votassem a favor da reeleição. Se um deputado vale R\$ 200 mil, quanto vale o cidadão brasileiro? Me pergunto estarrecida: Cadê o povo, meu Deus?

Invoco Deus numa atitude de desespero, numa última tentativa de entendimento.

Talvez o discernimento venha ou pelo tardar das horas ou por tantos anos de exploração e exclusão.

Cadê o povo, meu Deus?

Por que o grito não vem das ruas? Por que as ruas estão vazias de manifestos e cada vez mais cheias de excluídos?

Na agenda escolar de minha filha mais nova é tempo de férias. Constatado que na vida parlamentar brasileira, é época de férias - para a ética, a solidariedade, para a cidadania e para os atos de humanidade.

Cadê o povo, que não está nas ruas clamando por novos tempos?

Por tempos justos, igualitários, solidários e felizes!

Cadê o povo, que não está ainda nas ruas???



MANEZINHOS

De 6 a 29 deste mês, às sextas, sábados e domingos, o Grupo de Pesquisa Teatral ATormenta apresenta a Os Manezinhos Dona Bilica e Seu Maneca, na Igreja de São João Batista, na UFSC na capital. Sócios do Sinergia com carteirinha pagam R\$ 5,00. Quem já viu confirma: é um espetáculo muito divertido!

NÃO ÀS DROGAS!

O Ciasc lança no dia 10, terça-feira, a partir das 13h30, um programa contra alcoolismo e outras drogas químicas. José Luciano Rollin, membro do programa similar que já existe na Celesc, lançará na ocasião, o seu segundo livro: **A Reforma**, onde relata a sua experiência com o vício. A obra também será lançada em Laguna cidade natal de Rollin, no dia 13, às 20h30, na sede do Clube Congresso Lagunense. Também é de sua autoria o livro **O Inferno da Cocaína**.